

E os brasileiros sobem na vida

■ Classe C terá 115 milhões de habitantes em 2014, uma expansão real

Artêmio Cruz, 29 anos, e Antônia Joelma, 24, não têm carro, nem casa própria. Usam três celulares para aproveitar as promoções das operadoras e estão programando para este ano a primeira viagem de avião. Ele é vigilante e ela, auxiliar de limpeza. A renda dos dois ainda não chegou a R\$ 1,5 mil. "Mas é questão de tempo", diz Cruz. Pronto para começar um curso de mecânico, ele está entre os 64% da população da classe D que espera melhorar de vida neste ano.

Se tudo correr como planejado e os dois continuarem empregados, em breve o casal deve integrar o que se convencionou chamar de "nova classe média". Em 2014, quando o Brasil estiver às voltas com a Copa do Mundo e o governo de Dilma Rousseff chegando ao fim, três em cada cinco brasileiros pertencerão à classe C – Cruz e Antônia estão batalhando para entrar no grupo que chegará a 115 milhões de habitantes ou três vezes a população da Argentina.

Embora falar da nova classe média tenha virado moda no Brasil nos

SAIBA +

Nos próximos anos, além de acompanhar a migração de uma faixa social para outra, o Brasil verá uma ascensão dentro da classe C – dos níveis mais baixos para o topo da renda. Basta ter controle de inflação, redução de gastos e taxa de juros.

A euforia em torno da nova classe média não significa que o País tenha superado a desigualdade. Os 10% mais pobres se apropriam de 1,1% da renda, e os 10% mais ricos absorvem 43%, segundo o Banco Mundial. No Canadá, essa proporção é de 2,6% e 24,8%, respectivamente.

últimos anos, ainda há divergências sobre quem faz parte dela. Não há definição oficial. A Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (Abep), por exemplo, adota o Critério Brasil, baseado nas posses e no grau de instrução das famílias. Boa parte dos levantamentos, no entanto, leva em conta só a renda familiar. Uma das classificações considera classe C famílias com ganhos mensais de quatro a dez salários-mínimos. Em 2010, o grupo passou a representar metade da população e continuará ganhando espaço.

PIRÂMIDE SOCIAL

Fazer projeções não é fácil: câmbio, inflação e crises mundiais mudam da noite para o dia o rumo da economia de um país. "Mas é possível ensaiar uma análise olhando pelo retrovisor", diz o professor Wal-

dir Quadros, da Unicamp. A tendência é que as transformações da pirâmide social entre 2004 e 2009 se reproduzam nos próximos anos: classe A estagnada, classe B em crescimento moderado, explosão da classe C e redução maior da base.

É o que mostra levantamento da consultoria Data Popular. "A classe C será maioria absoluta e a E deve entrar em extinção", diz Renato Meirelles, diretor da consultoria.

Um número "mágico" ajuda a entender o que Renato Meirelles quer dizer com isso: a classe C movimenta R\$ 881,2 bilhões por ano, com salário, benefícios e crédito. Não é qualquer produto ou empresa que consegue abocanhar esse dinheiro, porque a nova classe média tem um jeito próprio de consumir. "Eles estão experimentando alguns produtos e serviços pela primeira vez."



Empresas, como os magazines, não podem ignorar a capacidade de consumo dessa parcela da sociedade

6 milhões de emergentes

Enquanto a classe C virou alvo de estudos acadêmicos e pesquisas de mercado, a corretora de valores Ativa voltou as atenções para a população da classe B para descobrir o que vai ocorrer com a penúltima faixa da pirâmide no futuro. Na estimativa, que desconsidera aumento populacional e adota crescimento real de renda uniforme para todas as classes, seis milhões de pessoas devem passar de C a B até o fim do ano.

Em volume, não chega a ser um número tão expressivo se comparado à migração da classe D para C, que passou dos 30 milhões. "O importante da análise é mostrar a mudança no padrão de consumo. Teremos uma classe média cada vez mais refinada", diz Arthur Carvalho, economista-chefe da Ativa. O crescimento médio da renda fará com que, daqui a cinco anos, a classe C tenha o mesmo padrão de consumo da classe B de 2008.

Hoje, a diferença entre as duas classes médias (a nova e a antiga) está na distribuição dos gastos extras, segundo ele. As famílias com renda um pouco menor aplicam o dinheiro de forma uniforme. Já as famílias da classe B distribuem os gastos extras em segmentos mais específicos, como assistência médica, compra do carro zero, serviços pessoais. "Essas pessoas já supriram o consumo de subsistência." Com o estudo, a corretora traça os setores da economia e quais empresas poderão se beneficiar do crescimento da classe B. Carvalho destaca a atuação das lojas Renner, Natura, B2W e Pão de Açúcar, principalmente com a bandeira Ponto Frio.

QUALIFICAÇÃO

Um dos primeiros a falar do novo perfil da classe C nessa década, o pesquisador Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, afirma que a mudança veio para ficar. "Não estamos falando de uma bolha de consumo. É um processo

QUALIFICAÇÃO

Um dos primeiros a falar do novo perfil da classe C nessa década, o pesquisador Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, afirma que a mudança veio para ficar. "Não estamos falando de uma bolha de consumo. É um processo sustentável." Segundo ele, a ascensão das classes sociais no País é explicada em parte por programas de transferência de renda, como o Bolsa Família. A educação e o trabalho formal são os protagonistas da reestruturação da pirâmide. "É o que garante que a evolução vai continuar acontecendo", afirma.

Entre 2003 e 2009, a renda individual do brasileiro cresceu 3,8% ao ano. O crescimento foi duas vezes maior entre os mais pobres. Eles conseguiram aumentar os anos de estudo em 5,19%, enquanto esse índice entre os mais ricos ficou abaixo de 1%. Ao mesmo tempo, as horas de trabalho dos integrantes das classes C e D diminuíram. Resumindo: os brasileiros da base da pirâmide passaram a ganhar mais e não é porque a carga horária de trabalho está maior, mas porque estão mais qualificados.

Impacto da educação

Os pais são empregados domésticos, pedreiros, cozinheiros. Os filhos, vendedores de lojas, operadores de telemarketing, receptionistas. O raio X das principais atividades profissionais exercidas nas famílias da classe C dá uma ideia de como a educação tem impactado a vida e a renda da nova classe média brasileira. No geral, essas casas são comandadas por uma geração que exerce trabalhos braçais, com pouca qualificação; os jovens já estão seguindo outro rumo. Levantamento da consultoria Data Popular indica que 68% deles estudaram mais que seus pais. Nas classes A e B, não passa de 10%.

Não só baseado em números, mas também em histórias de vida, que Marcelo Neri, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, costuma dizer que o símbolo da nova classe média brasileira não é o consumo, e sim o diploma e a carteira de trabalho. "Subir na vida para essas pessoas é ter educação e estar empregado", explica.

A classe C que o País conhece hoje começou a se desenhar nos anos 1990, quando o Brasil praticamente completou o acesso de

crianças de 7 a 14 anos ao Ensino Básico. Depois, com a expansão do Financiamento Estudantil e a criação do Programa Universidade para Todos (ProUni), o Ensino Superior abriu suas portas para uma parte da população que estava excluída desse nível de escolaridade. Hoje, 44% dos jovens que fazem curso superior são da classe C.

GASTOS

O gasto das famílias com mensalidades e material, em universidades e escolas particulares, movimentam R\$ 15,7 bilhões por ano. Em 2002, não passava de R\$ 1,8 bilhão. "O segmento passou a investir em formação e qualificação para se adequar às demandas do mercado", diz Paulo Carbucci, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

A relação entre educação e renda é constatada nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): numa família em que todos os membros têm no máximo o Ensino Médio, a renda mensal está em R\$ 1.659,99. Quando alguém conquista o diploma de graduação vai para R\$ 4.296,05.

DIVULGAÇÃO



Ascensão também é explicada pela preocupação com a qualificação